

PRODUÇÃO TEXTUAL

O texto abaixo, publicado na Revista Piauí em agosto de 2010, narra a confecção de um vídeo caseiro que virou polêmica por brincar com um dos episódios mais violentos da História da Humanidade: o Holocausto.

BAILAR EM AUSCHWITZ

Quem disse que é proibido dançar em ritmo de discoteca no local em que milhões foram mortos?

O filme de quatro minutos e meio estava postado no *YouTube* há sete meses. Mantinha um perfil meramente vegetativo, nada além de irrisórios *bits* perdidos em meio às mais de vinte três horas de conteúdo novo que deságua no site a cada minuto do dia. Seus personagens e ação-enredo não poderiam ser mais banais: quatro jovens e um idoso, todos desconhecidos e absolutamente comuns, arriscando movimentos toscos de uma coreografia simplória. Parecem mal-ensaiados, ou talvez estejam improvisando, não se sabe ao certo. Dançam ao ar livre, em locações diversas, indiferentes ao compasso da tonitruante *I Will Survive*, de Glória Gaynor — glória das discotecas dos anos 80, hino dos que dão a volta por cima [www.revistapiaui.com.br, rubrica “Achados & imperdíveis”].

A sensação inicial de quem assiste às imagens do idoso em desengonçada folia é de constrangimento, logo suplantado pela estranheza quando se constata que a performance acontece diante do campo de concentração de Auschwitz, onde morreram mais de 950 mil judeus. Mas é justamente ali, sob a inscrição de 5 metros em ferro forjado, de *Arbeit Macht Frei* (O Trabalho Liberta), que o jovial quinteto começa a cativar o espectador. À medida que o grupo leva o seu extravagante número para as locações seguintes — o campo da morte de Dachau, o gueto de Lodz, a sinagoga onde Hitler pretendia instalar o Museu da Raça Extinta — emerge algo inesperado, forte, comovente e definitivo. Emerge a vida.

A história por trás do vídeo é de uma grande simplicidade. O idoso se chama Adolek Kohn, tem 89 anos, mora na Austrália e é um dos sobreviventes dos fornos crematórios de Auschwitz. No verão passado, sua filha Jane Korman, uma artista plástica residente em Melbourne, convidou o pai para uma viagem com os netos à Polônia, terra dos ancestrais da família.

Foi de Jane a ideia de registrar em vídeo a singular celebração dançante de três gerações de Kohn. Hesitante no início, o patriarca Adolek vai se soltando ante a naturalidade dos netos e cede à alegria de estar vivo. Boné torto na cabeça, agasalho maior que o figurino e calçando um sensato par de sapatos ortopédicos, seus braços se erguem com alguma leveza e as pernas adquirem algum ritmo. Pé de valsa Adolek não é. A julgar pela cadência pouco garbosa do corpo, duvida-se que tenha deslizado por salões de dança na juventude, antes do horror. Ainda assim, no último minuto da gravação feita pela filha, ele pode ser visto com seus joelhos de octogenário dobrados, abrindo e fechando as pernas num clássico movimento do melhor Charleston, *circa* anos 20, em sintonia absoluta, senão com o ritmo, decerto com as palavras de Glória Gaynor: “Eu tenho minha vida toda para viver/ Eu tenho meu amor todo para dar e/ Eu vou sobreviver, eu vou sobreviver!/ Hey!Hey!”

Hey! Hey! De fato. “Escapei das cinzas e danço por estar aqui com meus netos que poderiam nem existir”, explica o ancião aos muitos que lhe perguntam se não considerava o vídeo ofensivo à memória dos judeus mortos.

(BAILAR em Auschwitz. *Piauí*, São Paulo, n. 47, ano 4, p. 7, ago. 2010.)

A partir do texto acima, produza uma **carta de leitor** para a revista *Piauí*, de 20 a 25 linhas, apresentando a sua posição diante do relato do vídeo e a polêmica criada pela brincadeira. Explique se o vídeo deve ser considerado ofensivo ou se a família foi ingênua. Considere em sua carta a reação das pessoas ao vídeo.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

